

O cronotopo do romance evidenciando a força da presença materna na travessia de Riobaldo

Sandra Mara Moraes LIMA
Pontifícia Universidade de São Paulo

Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar como o cronotopo orienta o enredo do romance, evidenciando a presença e a força da figura materna na travessia de Riobaldo, concretizada em seu discurso. Cronotopo, na concepção bakhtiniana, é um conceito que demonstra que tempo e espaço são categorias necessariamente associadas e na literatura estão ainda amalgamados aos demais elementos que compõem o enunciado concreto, ou seja, formam um todo numa arquitetura que comporta o ato discursivo que inclui certos elementos indissociáveis do enunciado. Partindo dessa perspectiva bakhtiniana, podemos afirmar que ocorre em *Grande sertão: veredas* um cronotopo orgânico. Isto é, o tempo/espaço são categorias orientadoras, necessariamente vinculadas a todos os outros elementos do romance. O tempo/espaço de Riobaldo a ele pertence e a ninguém mais, nada é alheio a esse herói, tudo se coaduna, os elementos são indissociáveis e seria impossível fazer alguma transferência. Nessa direção constatamos que há um encadeamento do aparecimento da figura materna em certos pontos do enredo que constituem um fio condutor que desencadeará a epopeia de Riobaldo, partindo do cronotopo do encontro e do rio, evidenciando uma forte presença da mãe. Desse modo, presenciemos o cronotopo do encontro, nas águas do São Francisco, o primeiro fato, o acontecimento, que será o nó para o qual todas as ações do narrador concorrerão para desatar.

Palavras-chave: Cronotopo. Romance. Grande sertão: veredas. Voz materna.

The chronotope of the novel making evident the strength of the mother figure on Riobaldo's crossing

Abstract

The objective of this research is to present how the chronotope orients the novel's plot, making evident the presence and the strength of the mother figure in Riobaldo's crossing, which is materialized in his discourse. Chronotope, in Bakhtin's theory, is a concept which demonstrates that time and space are necessarily associated categories and in literature are even more amalgamated to the other elements which compose the concrete utterance, that is, they form a whole in the architectonics which contains the discursive act which includes certain unassociable elements of the utterance. Based on this bakhtinian perspective, we affirm that there is an organic chronotope in *Grande sertão: veredas*. That is, time/space are orienting categories, necessarily bound to all the other elements of the novel. Riobaldo's time/space belong to him and to no one else, nothing is alien to this hero, everything combines, the elements are unassociable and it would be impossible to make any transfer. Following this perspective, we verified that there is a linkage to the appearance of the mother figure in certain parts of the plot which constitute a conducting wire to unleash Riobaldo's epopee, from the chronotope of the meeting and the river, making evident a strong motherly presence. Thus, we ascertained the chronotope of the meeting in the São Francisco waters, the first fact, the occurrence, which will be the knot to which the entire narrator's actions will converge to untie.

Key Words: Chronotope. Novel. Grande sertão: veredas. Motherly voice.

El cronotopo de la novela que muestra el poder de la presencia materna em el cruce de Riobaldo

Resumen

El objetivo del trabajo es presentar como el cronotopo orienta el enredo de la novela, mostrando la presencia y la fuerza de la figura materna en la travesía de Riobaldo, concretizada en su discurso. Cronotopo, en la concepción bakhtiniana, es un concepto que demuestra que el tiempo y el espacio son categorías asociadas necesariamente y en la literatura están inclusive amalgamadas a los demás elementos que componen el enunciado concreto, es decir, que forman un todo en una arquitectónica que comporta el acto discursivo que incluye ciertos elementos indisociables del enunciado. A partir de esta perspectiva bakhtiniana, podemos afirmar lo que ocurre en el "*Grande Sertão*": *veredas* un cronotopo orgánico. Esto quiere decir, el tiempo/espacio son categorías orientadoras, necesariamente vinculadas a todos los otros elementos de la novela. El tiempo/espacio de Riobaldo le pertenece a él y a nadie más, nada le es ajeno a este héroe, todo se adapta, los elementos son indisociables y sería imposible hacer alguna transferencia. En esta dirección constatamos que hay un encadenamiento de la aparición de la figura materna en ciertos puntos del enredo que constituyen un eje conductor que desencadenará la epopeya de Riobaldo, a partir del cronotopo del encuentro y del río, mostrando una fuerte presencia de la madre. De esta manera, presenciemos el cronotopo del encuentro, en las aguas del San Francisco, el primer hecho, el acontecimiento, que será el nudo al cual convergirán todas las acciones del narrador para desatar.

Palabras clave: Cronotopo. Romance. Grande sertão: veredas. Voz de la madre

INTRODUÇÃO

Tendo como foco de análise *Grande sertão: veredas*, objetivamos apresentar como o cronotopo, na perspectiva bakhtiniana, orienta o enredo do romance, evidenciando a presença e a força da figura materna na travessia de Riobaldo, concretizada em seu discurso. Para tanto, abordamos o conceito de cronotopo e seu desdobramento na categorização de cronotopia em que Bakhtin assevera haver obras mais cronotópicas que outras. Intentamos demonstrar, amparados na fundamentação teórica do Círculo, que o romance rosiano é dotado de grande cronotopia, tal qual afirma Bakhtin acerca da obra de Rabelais e, ainda, que a figura materna é um elemento necessariamente vinculado a esse cronotopo.

TEMPO/ESPAÇO NO ROMANCE

No romance, na literatura, como afirma Bakhtin (2002), os indícios temporais e espaciais se coadunam no todo do enunciado concreto, de modo que esses elementos (cronos e topos) estão imbricados no sentido e um é medido em função do outro: “Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.” (BAKHTIN, 2002, p. 211). Cronotopo é um conceito que Bakhtin tomou emprestado da teoria de Einstein, que demonstra que tempo e espaço são categorias

necessariamente associadas e na literatura estão ainda amalgamados aos demais elementos que compõem o enunciado concreto, ou seja, formam um todo numa arquitetônica que comporta o ato discursivo.

Nesse sentido, podemos ver como o espaço desenhado pelo narrador em *Grande sertão: veredas* se amalgama ao tempo do seu enredo, de sua fabulação. E a orientação do enredo traz a figura materna como referência. O tempo marsupial na presença da mãe, lembrança mais “alonzada” na memória do narrador, é no espaço do sítio do Caramujo, entre a Serra dos Alegres, atrás das fontes do Verde, vila dos Alegres, como afirma Riobaldo:

O senhor sabe: a coisa mais alonzada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacedo... Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe. Eu estava com uns treze ou quatorze anos... (ROSA, 1986, p. 40).

Notam-se as categorias de tempo e de espaço necessariamente associadas, revelando o contentamento e o conforto da infância. Segundo Bakhtin, na literatura o tempo é o que conduz o cronotopo. Isso pode ser detectado em *Grande sertão: veredas*, mesmo que a narrativa não seja linear e Riobaldo vá contando sua existência sem ordem nenhuma, vai atendendo a uma memória afetiva que vai e volta no tempo, “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas.” (ROSA, 1986, p. 20)¹. Nessa citação Riobaldo se corrige porque havia mencionado, pela primeira vez no romance, o nome de Diadorim, antes mesmo de narrar o encontro com o menino, o que será, conforme anuncia o narrador, o primeiro fato da estória. Riobaldo se corrige em outro ponto da narrativa, após citar o local do Paredão, sem muitas explicações sobre a batalha final que ali se efetuou: “Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo.” (p. 91). Dessa maneira, o tempo do enredo conduz ao cronotopo como veremos mais adiante.

O CRONOTOPO ROMANESCO AO LONGO DA HISTÓRIA

Segundo Bakhtin, esse caráter orgânico de tempo/espaço, embora caracterize o texto literário, se dá da mesma maneira ao longo da história do romance e o modo como o elemento temporal é associado aos demais elementos no que diz respeito ao aspecto composicional da obra determinam as variantes do gênero romanesco. O cronotopo é o centro organizador dos principais acontecimentos no romance. A partir dele pode se analisar qual a temática, o elemento fundamental que orienta o desenvolvimento do romance, caracterizando as diversas variantes desse gênero. E, nessa perspectiva, qualquer análise na esfera dos significados só é possibilitada a partir dos cronotopos.

¹ A partir daqui nas demais citações do romance, constará apenas o número da página.

Analisando o romance grego, Bakhtin afirma que as particularidades do espaço não interferem no acontecimento de maneira constitutiva do romance, de modo que “[...] todas as aventuras do romance grego possuem poder de transferência: o que ocorre na Babilônia poderia ocorrer no Egito ou em Bizâncio e vice-versa.” (BAKHTIN, 2002, p. 224). Dessa maneira, certas aventuras podem ser transferidas no tempo e no espaço. A relação do herói com o tempo e o espaço é estranha:

Tudo nele é indeterminado, desconhecido, alheio; os heróis estão aí pela primeira vez, eles não tem quaisquer relações ou ligações substanciais com esse mundo, as convenções sócio-políticas, de costumes ou outras, lhe são estranhas, eles não as conhecem; (BAKHTIN, 2002, p. 225).

O tempo/espaço (cronotopo) no romance grego, segundo Bakhtin, não promove traços distintivos nem no mundo nem nas pessoas. Ao final do romance, após todos os acontecimentos, tudo volta a seus lugares. O herói, todos os objetos, passam por ações que não os modificam, há que haver uma provação da identidade do herói, que tem em muito o ser idealizado, o indivíduo isolado e privado. “O martelo dos acontecimentos não fragmenta nem forja nada, ele apenas prova a solidez do produto já fabricado. E o produto suporta a prova. Esse é o sentido artístico-ideológico o romance grego.” (BAKHTIN, 2002, p. 230). No cronotopo do romance grego, o mundo, o homem, estão prontos e acabados.

Após analisar o cronotopo no romance grego, Bakhtin faz um grande percurso avaliando como essa categoria está representada na história do romance, tomando como referência, no conceito de cronotopo, o elemento do tempo, analisando como a linha temporal está relacionada ao que orienta o desenvolvimento da obra, como o cronotopo é desenhado, caracterizando os diversos “gêneros” de romance. Bakhtin faz uma historiografia e apresenta como o elemento tempo é empregado nas obras ao longo da história do romance, esclarecendo que a categoria temporal nem sempre estará indissociável da categoria espacial e dos demais elementos que constituem a obra, tal como no romance grego em que o tempo é um elemento alheio, sem vestígios, sem traços, característica desse tipo de romance. Sua análise sugere uma “evolução” do romance nesse sentido, demonstrando que ao longo do desenvolvimento da história do romance, há uma transformação iniciada no romance grego em que o tempo é estável, alheio, sem traços até chegar a Rabelais em que o tempo é coletivo, compartilhado e tomado em seu aspecto transformador, o que caracteriza o devir. A respeito desse tempo coletivo analisado por Bakhtin em Rabelais, afirma Amorim:

Tempo que se define como *grande temporalidade*, pois projeta a humanidade e o mundo para um além do contexto conhecido e representado. As hierarquias e os poderes estabelecidos são contingentes e serão transformados. Esse tempo é maior do que todos porque é utópico da abertura de novas possibilidades. Renovação dos sentidos do passado e criação de sentidos futuros. (2006, p. 104)

Nesse percurso, analisa também o romance antigo de aventuras e de costumes e, ainda, a biografia e autobiografia antigas. Avalia a inversão temporal nos textos mitológicos e o cronotopo no romance de cavalaria e em *Rabelais*, evidenciando em sua análise que há uma progressão, se assim podemos dizer, da maneira como o cronotopo é representado, promovendo obras mais cronotópicas que outras, ou seja, obras capazes de revelar mais ou menos a indissolubilidade entre os espaços e o tempo histórico. Não se trata de estabelecer parâmetros de valoração, situando uma escala de valor das obras em relação à orientação do cronotopo que ali se coloca, mas de analisar a característica

das variantes do gênero romanesco tendo em vista o modo como tempo/espaço são indissociáveis, apresentam uma realidade coesa ou não. E nesse sentido, como já brevemente mencionado, GSV se apresenta como um romance com grande cronotopia, trazendo tempo/espaço necessariamente associados e amalgamados na estrutura composicional do romance, como demonstraremos, mais a frente, ao analisar a voz materna em relação à orientação dada pelo narrador ao enredo.

Em relação ao romance antigo de aventuras e de costume, Bakhtin, avalia que o cronotopo é distinto do que se apresenta no romance grego. Não ocorre aqui exatamente um tempo totalmente alheio, há uma sequência temporal estabelecida no enredo, evidenciando uma vida inteira, um encadeamento em que há um tempo de aventura e não mais o tempo sem vestígios do romance grego, embora ainda seja um tempo determinado por acontecimentos fortuitos, pelo acaso, o tempo corrente não é entrelaçado ao fato principal. Para essa análise toma como exemplo *O asno de ouro* de Apuleio e *Satiricon* de Petrônio.

Acerca de *O asno de ouro*, afirma que o elemento orientador do conto é a imagem/identidade do homem na temática da metamorfose/transformação, baseados no acervo folclórico mundial.

A metamorfose, uma temática recorrente na literatura, é tomada aqui numa dimensão particular do homem tendo em vista a identidade, a imagem do homem, em como ele se transforma em outro conforme os momentos diversos da vida. No entanto, o tempo/espaço está isolado do conjunto cósmico e histórico, “Não há aqui um ‘dever’ em sentido estrito, mas sim crise e transformação.” (Bakhtin, 2002, p. 238 – grifo do autor). Não há o desenvolvimento de um tempo biográfico, o herói é mostrado antes e depois da metamorfose, sem, contudo, haver uma relação intrínseca ao cronotopo, ao todo da existência, tal como no romance grego, o herói aqui é o indivíduo isolado do tempo histórico e o tempo de aventura na obra não é elemento orientador: “O homem se transforma, sofre uma metamorfose totalmente independente do mundo; o mundo em si permanece imutável.” (BAKHTIN, 2002, p. 241). E, ainda, o tempo em Apuleio é estático, não flui, não há porvir, não revela historicidade.

No que diz respeito à biografia e autobiografias afirma que essas formas desenvolvidas na antiguidade muito influenciaram não só o desenvolvimento da biografia e da autobiografia contemporâneas, mas também todo romance europeu. Essas obras são baseadas num tempo biográfico, evidenciando o caminho percorrido na vida pelo homem e, a partir delas, Bakhtin avalia dois tipos de biografia, a grega e a romana.

Em relação à grega afirma que o cronotopo real é a praça pública, como fato que proporcionou o surgimento da forma de uma consciência autobiográfica. O tempo biográfico real, nessas obras, estava praticamente dissolvido no tempo ideal, sem historicidade e o enfoque é o homem em sua vida pública, sua exterioridade, tudo que é visível e audível, como afirma Bakhtin: “No próprio homem não há nenhum núcleo mudo e invisível: ele está todo visível e audível, todo do lado de fora [...]” (2002, p. 253).

As autobiografias romanas são baseadas em outro cronotopo real, a família romana. Aqui o elemento orientador da vida é a família patriciana, a família aliada ao Estado. Nesse sentido, as autobiografias são escritas para repassar as tradições familiar-patriarcais aos descendentes, o que

faz a autobiografia romana estar mais penetrada pela historicidade temporal. No entanto, “A realidade histórica é a arena para a revelação e o desenvolvimento dos caracteres humanos, nada mais.” (BAKHTIN, 2002, p. 259). O que significa dizer que o elemento orientador são os traços do caráter, a rubrica humana, e o tempo biográfico não está necessariamente associado aos próprios acontecimentos da vida que são indissociáveis dos acontecimentos históricos, “[...] sob uma mesma rubrica são reunidos os momentos de épocas diferentes da vida.” (Bakhtin, 2002, p. 259).

Bakhtin analisa algumas modificações que essas formas de biografias (grega e romana) sofreram, no entanto o cronotopo, apresentando um tempo/espaço como elemento orgânico, associado necessariamente aos demais elementos não ocorre nessas obras, isso significa que essas obras não possuem grande cronotopia, a capacidade de revelar a indissolubilidade entre geografia (espaço) e a temporalidade histórica.

Em relação ao romance de cavalaria, afirma que o cronotopo desse romance está próximo do que se apresenta no romance grego, um tempo/espaço um tanto abstratos, embora apresente algo novo, o tempo maravilhoso de aventuras. Nessa abordagem analisa a obra de Dante, situando o cronotopo, asseverando que o tempo apresentado é o tempo idealizado, abstrato e, no entanto, a imagens das personagens que povoam o romance são profundamente históricas, de modo que há uma tensão entre o tempo ideal e o tempo histórico que configuram a excepcionalidade da obra de Dante. De modo geral, essas obras apresentam uma cronotopia em que a associação entre tempo/espaço não estão perfeitamente coadunadas, “Pode-se dizer que o tempo está totalmente excluído da própria ação da obra.” (BAKHTIN, 2002, p. 272).

Em Rabelais, analisa minuciosamente o tempo apresentando um novo cronotopo que apresenta uma ligação entre o homem e todas as suas ações e peripécias associados ao mundo espacial e temporal, expressando uma concepção de tempo/espaço forjada a partir da experiência, numa perspectiva fenomenológica. Rabelais traz um cronotopo que desconstrói as estruturas antigas atemporais, demonstrando, desde o início de suas personagens, uma unidade tempo/espaço indissolúvel.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS – UM ROMANCE COM GRANDE CRONOTOPIA

Partindo dessa perspectiva bakhtiniana, podemos afirmar que *Grande sertão: veredas* apresenta um cronotopo orgânico. Isto é, o tempo/espaço são categorias orientadoras, necessariamente vinculadas a todos os outros elementos do romance. O tempo/espaço de Riobaldo a ele pertence e a ninguém mais, nada é alheio a esse herói, tudo se coaduna, os elementos são indissociáveis e seria impossível fazer alguma transferência. E o que podemos observar é que o herói aqui atravessa e é atravessado num processo profundo de transformação ao longo do tempo/espaço num eterno vir-a-ser.

A respeito do cronotopo citamos uma afirmação de Wall que, trazendo a lembrança de sua casa na infância, analisa esse conceito em relação ao conceito de carnavalização, assegurando que, ao contrário do que afirmam alguns teóricos, tanto o cronotopo quanto a carnavalização estão necessariamente associados à vida, à experiência do sujeito. O cronotopo está associado à

constituição da consciência, isto é, ela é forjada a partir de um tempo/espaço, mas não tempo/espaço como categorias apriorísticas, mas como categorias que se constroem a partir da experiência, se fazem no ato, no passo dado, revelando uma posição assumida, um tom, um modo único e irrepetível do sujeito se colocar no mundo. Assim, afirma Wall:

Seguindo Bakhtin, vou dizer aqui que o conceito de domicílio da criança é já um conceito cronotópico; se queremos ter em conta a diferença entre uma casinha qualquer e o domicílio específico que era “minha casa” durante seis anos de minha vida, devemos compreender um vasto grupo de fatores legais e psicológicos que transformam edifícios em casas. “Minha casa” é sempre um cronotopo social, um conceito que tem um significado importante que implica no que a criança pode dizer “minha casa” a outras pessoas. Essas palavras constituem para cada pessoa que tem um domicílio familiar um cronotopo de um tempo e espaço sociais de quando era criança. (1997, p. 434 – tradução nossa).²

Percebemos em *Grande sertão: veredas* que há um encadeamento do aparecimento da figura materna em certos pontos do enredo que constituem um fio condutor que desencadeará a história de Riobaldo, partindo do cronotopo do encontro e do rio, evidenciando uma forte presença da mãe no processo em que Riobaldo se constitui. Se tomarmos a sequência da narrativa esse aparecimento se dá no meio do enredo, já a história começada, quando Riobaldo se encontra no mundo jagunço, na empreitada de vingança da morte de Joca Ramiro. No entanto, o início do enredo se dá com Riobaldo, juntamente com sua mãe, pagando promessa no porto do de-Janeiro (um braço do São Francisco), quando conhece o menino e fica bastante impressionado com ele. O narrador deixa claro para seu interlocutor que o início da história (enredo) começa: “Foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por quê, me devolvendo minha razão.” (p. 93). E na primeira vez em que cita Diadorim, conforme já mencionado, na sequência narrativa, diz que estava contando sem ordem, denunciando que o encontro com o Menino que se revelará posteriormente como Reinaldo e Diadorim representava o início da história: “Conforme pensei em Diadorim. [...] Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele... Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas.” (p. 19 e 20)

Presenciamos o cronotopo do encontro, o primeiro fato, nas águas do São Francisco, o acontecimento que será o nó sobre o qual todas as ações do narrador se farão para desatar. Todo o romance, toda travessia para compreender o porquê de ter conhecido o menino, tê-lo reencontrado depois e por ele ter nutrido insuperável amor que o levou da meninice até a velhice buscando o sentido.

Segundo Bakhtin

² Siguiendo a Mijaíl Bajtin, voy a decir en esta ponencia que el concepto de la casa del niño es ya un concepto cronotópico; si queremos tener en cuenta la diferencia entre una casita cualquiera y el domicilio específico que era "mi casa" durante seis años de mi vida, debemos comprender un vasto grupo de factores legales y psicológicos que transforman edificios en casas. "Mi casa" es siempre un cronotopo social, un concepto que tiene un significado importante que viene de que el niño puede decir "mi casa" a otras personas. Esas palabras formaban para cada persona que tiene casa familiar un cronotopo del tiempo y del espacio sociales cuando era niño. (1997, p. 434)

O encontro é um dos mais antigos acontecimentos formadores do enredo do epos (em particular do romance). Deve-se sobretudo notar a estreita ligação do motivo do encontro com motivos como a *separação*, a *fuga*, o *reencontro*, a *perda*, o *casamento*, etc., que são semelhantes pela unidade das definições espaço-temporais ao motivo do encontro.[...] O motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil deparar com uma obra onde esse motivo absolutamente não exista), mas em outros campos da cultura, e também em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade. (2002, p. 223).

No caso de *Grande sertão: veredas*, esse cronotopo no encontro com o menino, tem grande importância, ao trazer a presença das águas num passeio de canoa, no rio São Francisco, o vetor de travessia do sertão. “Agora, por aqui, o senhor já viu: Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*”. (p 68 – grifo do autor). Em GSV o cronotopo do rio, como “[...] imagem consagrada universalmente como metáfora do tempo que passa.” (AMORIM, 2006, p. 109) é o elemento que flui, corre, transformando tudo, tal como na perspectiva de Heráclito. A existência ganha sentido nessas travessias que, no romance, inicia no encontro com o menino, simbolizando um ritual de passagem em que Diadorim, nesse discurso, é o lugar da ruptura, da divisão, do desconcerto. E o nome Riobaldo, como já tanto mencionado, é a aglutinação do substantivo rio e o verbo baldear, remetendo ao processo de constituição de um sujeito que se faz tão só na travessia, no fluir do tempo, no correr da vida, no ser evento, isto é, no ser/estar/ fazer no mundo de maneira única, irrevogável, sem alibi, incessantemente. O nome Riobaldo remete a movimento, à travessia, é o sujeito sendo no mundo, baldeando o rio, atravessando o sertão, representação do caos, “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos;” (p. 7).

E desse cronotopo, o rio entrelaçado com o cronotopo do encontro, deriva o significado principal orientador do enredo no romance de Rosa, tal qual afirma Bakhtin acerca do significado figurativo do cronotopo no romance:

Todos os elementos abstratos do romance – as generalizações filosóficas e sociais, as idéias, as análises das causas e dos efeitos, etc. – gravitam ao redor do cronotopo, graças ao qual se enchem de carne e de sangue, se iniciam no caráter imagístico da arte literária. (2002, p. 356)

Com a presença da mãe, Riobaldo conhece o menino por quem se encantará e, esse acontecimento, que inicia o enredo, revela a forte ligação desse apaixonamento pelo menino com a mãe. Há, nessa cena, a presença do rio, é no porto aonde Riobaldo e a mãe vão no intuito de esmolar dinheiro para pagar promessa por ter sido curado de doença. O menino o convidará para um passeio de canoa. A presença da água é uma constante nessa cena em que conhece e se encanta pelo menino. A presença da água remete ao elemento mãe, uma vez que no útero o ser fica envolto no líquido amniótico. E, ainda, na psicanálise a água simboliza o feminino e as forças do inconsciente.

Aqui é pertinente apontar uma parte do romance que parece dividir a narrativa em duas e traz novamente a presença do rio como o fluir da existência, como vetor de travessia.

Na página 288 (1986), Riobaldo já havia contado, de certa forma, todo o enredo, embora não tivesse ainda colocado linearmente e detalhadamente o enredo:

Aqui eu podia pôr ponto. Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Por que não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao crer posso. Não esperdiço palavras.

Principia, então, novamente a recontar sua história, para melhor entender, para que seu interlocutor também possa ver de outra forma: “O senhor, pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo.” (p. 288). Quer remexer o que estava ainda obscuro, “Eu quero ver essas águas, a lume de lua...” (p. 289). Nessa nova narração, cita novamente a mãe, com o nome Bigri, que aparece pela segunda vez no romance:

O meu Urucuia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. A Bigri, minha mãe, fez uma promessa; meu padrinho Selorico Mendes tivesse de ir comprar arroz, nalgum lugar, por morte de minha mãe? (p.289).

O Urucuia, um afluente do São Francisco, vem claro entre escuros, o recontar novamente toda a estória vai tornando mais compreensível o caminho percorrido no contar e recontar. Aqui remete novamente ao cronotopo inicial: o São Francisco, o encontro com o menino em suas águas, dividiu a sua vida em duas partes. É o cronotopo do rio, como metáfora da travessia, da inconstância, do se fazer hieracliticamente a cada minuto. E novamente reitera a presença da mãe no cumprimento da promessa feita por ela. Constatamos assim a presença da mãe nos dois momentos que marcam o início do enredo no romance, o que leva a considerar a força dessa presença na maneira como Riobaldo conduz sua narrativa. A mãe é determinante, está ali incrustada em seu corpo discursivo.

Importante situar – ainda que brevemente, sem a intenção de esclarecer a função grandiosa das águas e dos rios no universo discursivo de Riobaldo – o São Francisco, o maior que Riobaldo afirma ter visto: “ – o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio.” (p. 99) como elemento que guarda as forças do inconsciente, do aspecto feminino e como elemento vital. Toda a travessia de Riobaldo se faz permeada pelo São Francisco, pelos riachos e córregos e até mesmo onde não há a água, Riobaldo consegue percebê-la: “O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?” (p. 273). O rio, assim, com suas águas maternas pode ser comparado com o amor da mãe, geradora e nutriz que atravessa o narrador do início do enredo até o final de sua narrativa: “Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? cumpro. O Rio São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...” (p.568). A presença da figura materna – “[...] até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta.” (p. 103) – acompanha o narrador tanto quanto as águas do São Francisco se comparecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos assim, considerando que *Grande sertão: veredas* traz um cronotopo orgânico em que tempo e espaço encontram-se amalgamados aos demais aspectos do romance. O tempo e o espaço de Riobaldo só a ele pertencem e só fazem sentido no universo enunciativo de seu discurso. A presença da mãe, marcando o início do enredo, bem como o cenário do rio metaforizando o processo contínuo da travessia evidencia a força dessa figura no discurso do narrador, uma vez que

a mãe é o grande referencial para conduzir o enredo no tempo e no espaço romanesco. É de notar, ainda, a presença do rio São Francisco, como elemento divisor da vida e da narrativa de Riobaldo, remete ao caráter criador da água como fonte que dá, garante e preserva a vida, caracterizando o São Francisco como metáfora materna do sertanejo.

REFERÊNCIAS.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro** – Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: Dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BAJTIN, Mijail. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: y otros escritos. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Universidad de Puerto Rico, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** – A teoria do romance. Tradução de Aurora F. Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Junior, Helena S. Nazário, Homero F de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2002.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

WALL, Anthony. *Los cronotopos de la memoria*. In: ZAVALA, Lauro; ALVARADO, Ramón. **Voces em el umbral: M. Bajtin y el dialogo a traves de las culturas**. Mexico DF: UAM –X, CSH, Dpto de Educación y Comunicación, 1997. Disponível em: <http://bidi.xoc.uam.mx/tabla_contenido_libro.php?id_libro=69> Acesso em maio de 2011.

Sandra Mara Moraes LIMA

Possui graduação em LETRAS pela Universidade Federal do Espírito Santo (1988), Especialização em Estudos Linguísticos pela Universidade Cidade de São Paulo (2001) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005). Atualmente é Doutoranda no PEPG em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL/PUC-SP, sob a orientação da Profª. Dra. Elisabeth Brait. Membro-estudante do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, Identidade e Memória, www.linguagemememoria.com.br Efetivo na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, atuando no setor de Formação Continuada do Magistério. Tem experiência na formação do Magistério e na área de Letras, com ênfase em Linguística e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Língua Portuguesa, Discurso e vozes discursivas.